



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/descobertas-do-ceu/>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2021 by UNICAMP/IEL/Setor de Publicações : TL 224. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

A CORRENTEZA SOLAR

João Lucas S. Zampieri

As vezes, eu olho para o céu. É um hábito que eu tenho, e tento fazê-lo várias vezes ao dia, pois me faz sentir bem. Observar como ele está e como ele mudou do que era recentemente é, de certa maneira, reconfortante. O céu é como uma fronteira para mim, mas isso não quer dizer que ele possui esse mesmo significado para todos.

Há uma ilha, muito longe daqui, muito longe de mim, onde duas crianças estão brincando. São duas garotas, se é que se pode chamá-las de garotas. A primeira coisa que se pode notar nelas é seu olhar vazio, pois seus olhos são completamente brancos, em contraste com sua pele escura. Seus corpos parecem bem humanoides, apesar das orelhas pontudas. Pensando melhor, talvez eu tenha mentido quando disse que a pri-

meira coisa que se podia notar eram seus olhos, afinal, seus cabelos eram muito diferentes dos que nós conhecemos. É difícil descrevê-los, mas o melhor jeito que posso tentar me expressar é dizendo que uma das garotas possuía neles, as cores de um céu de noite, um céu estrelado com algumas nuvens, quase como se cada pontinho branco cintilasse. Junto a essa paisagem pintada por fios de cabelo, havia dois chifres em formato de caracol, como de carneiros, um pouco atrás de suas orelhas.

A outra criança era similar em aparência, porém, alguns detalhes eram diferentes, como o fato de que ela possuía duas plumas que pareciam pequenas asas, e em seu cabelo viviam as cores de um céu aberto, de uma tarde tranquila e com uma brisa boa que sempre aparece logo depois do meio-dia.

As duas garotas usavam um tipo de vestimenta que parecia um vestido branco com uma saia que ia até os joelhos, e usavam ornamentos que brilhavam como ouro, mas com uma cor azul-celeste. Era um tipo de material que não se encontra por aqui no chão. Bom, não no nosso chão, pelo menos.

As meninas brincavam perto das bordas das nuvens, sempre entrando e saindo da área que elas conheciam como a zona segura da costa, enquanto coletavam conchas. Como era um fim de tarde, os ventos começaram a soprar um pouco mais forte, algo que era usual para elas.

“Toh’kan, não fique tão longe de mim.” Disse a garota de plumas. A outra garota não parecia ter prestado atenção, e não se preocupou em dar uma resposta. Na verdade, a sua atenção estava em uma conchinha que ela havia acabado de pegar do chão macio. Ao inspecioná-la, descobriu que ela estava com algumas partes quebradas na base. Não que esse defeito importasse, afinal, via-se no rosto da criança um belo sorriso, proporcionado por um belo achado, que logo foi interrompido pelos braços da garota que anteriormente havia tentado chamar a sua atenção. Foi preciso ela chacoalhar a menina dos chifres para conseguir o efeito desejado, e alguns instantes depois, as duas riram.

Toh’kan começou a mostrar o seu achado, toda orgulhosa. Ela gostava de colecionar essas conchas encontradas nas regiões cos-

teiras das nuvens. O porquê dessas conchinhas estarem ali, pouco era conhecido, visto que elas pareciam ser feitas de um material opaco, e não havia mais ninguém as habitando há muito tempo. “Sim, é muito bonita”, respondia a garota de plumas para o sorriso que a encarava, com a entonação de alguém que já havia feito esse comentário inúmeras vezes.

As duas meninas, então, continuaram a andar pelos arredores da ilha que habitavam. A vantagem de estar no céu é que a paisagem muda todo dia, mesmo morando na mesma ilha. Inclusive, a própria ilha mudava de forma ocasionalmente, diferente das coisas aqui embaixo, que geralmente demoram anos para mudarem significativamente. Bom, talvez não seja tão bom essas mudanças serem tão rápidas assim. O lugar, o espaço geográfico, sempre é um aspecto fundamental das memórias, e esse povo que mora no céu vive melancólico por algumas paisagens que os marcaram e que logo foram embora. O cenário, dessa vez, era bem marcante. Não havia muitas nuvens por perto da ilha em que as garotas viviam. Ela parecia

estar em direção ao horizonte, preenchido pelo pôr do sol com várias nuvens em volta daquela direção. O céu já estava se diferenciando de seu tom azulado. Havia também uma grande nuvem aproximando-se, uma verdadeira Cumulonimbus, imponente enquanto vagava.

Voltando a falar das nossas protagonistas. Elas continuaram a percorrer os limites da borda da ilha e a alta garota de plumas soltou um longo suspiro de cansaço. “Toh’kan, vamos fazer uma pausa, ou até mesmo começarmos a voltar para a aldeia.” ela disse, e logo sentou-se no chão. “Eu realmente não quero andar muito mais por hoje”, e suspirou. A outra garota, desta vez, prestou atenção ao que lhe fora dito e acenou com a cabeça para mostrar que ela também concordava. Então, ela se sentou junto de sua amiga, mas na direção contrária. Ela tomou todo o cuidado com a sua bolsinha cheia de conchas.

Ficaram, então, em silêncio por um bom tempo. Apenas o vento falava naquele momento, e ele parecia estar em um monólogo naquela parte da reviravolta, quando se está

prestes a aumentar de tom de voz. As sombras das duas garotas, que apesar destas estarem direcionadas para lados opostos, estavam de lado a lado. “Às vezes, eu penso por quanto tempo poderemos ficar juntas, desse jeito...”, a garota de plumas soltou esse comentário ao vento, quase como se ele tivesse escapado de sua garganta por vontade própria. Quando deu por si, a garota com chifres estava com os olhos perplexos, vidrados no rosto de quem falou algo muito chocante, ou até mesmo inesperado. Desesperada em tentar consertar a expressão de sua amiga, a garota de plumas começou a desviar o olhar e ficar pensativa. “Desculpa, eu... eu não quis dizer isso dessa maneira. Apenas queria falar como estou me sentindo, cada dia passando mais rápido que o anterior. Estamos crescendo, mas não me sinto preparada. E cada vez mais, aquele dia está chegando mais perto. Eu quero seguir adiante e viajar. Eu sei que é o meu destino, e sempre desejei. Mas o pensamento de que os dias que passaremos juntas irão demorar a voltar a acontecer me assusta...”.

Toh'kan, depois de tomar o seu tempo para pensar sobre o que lhe fora dito, parecia ter entendido melhor, apesar de ela não ter nenhuma palavra para demonstrar isso. Até mesmo seus expressivos gestos estavam calados. A criança colecionadora de conchas sabia bem do que sua amiga estava falando. Sem olhar para ela, a garota de chifres ofereceu a bolsinha de conchas, e gentilmente a outra garota pegou uma delas. O silêncio entre elas havia retornado, um silêncio ensurdecedor, mais alto que o monólogo do vento, que haveria de manter longe o som da tempestade que se aproximava...

Não tão longe dali, mas ainda assim, muito longe de mim, havia uma divindade. Não era uma criatura, pois era um criador. Tal ser estava envolto em um castelo de nuvens, onde outros seres de natureza similar a ele estavam reunidos. Sua aparência lembrava muito a de um pavão, com uma gigantesca cauda em leque. Cada plumagem da cauda refletia um céu de cada lugar, de cada tempo. Nele, moravam os céus que apareceram e desapareceram durante milhares de anos, de paisagens que se estendem por todo

lugar que há mar ou terra. Quatro pernas repousavam, encolhidas, sustentando o corpo que possuía seis asas que estavam abertas, estendidas. E no seu olhar, adormecia a cor de relâmpagos, energias contidas que pulsavam como se pudessem escapar a qualquer momento.

Um decreto havia sido dito, com o tom de voz de um imperador quando ele diz “basta!”. E a partir desse momento, uma energia começou a emanar dessa divindade. Raios começaram a trovejar. E o vento, esse silencioso passageiro, tornou-se um verdadeiro abatedor. Uma tempestade aproximava-se de todos. Não qualquer tempestade, mas, sim, a maior que já se havia visto desde então. Por milênios, o povo do céu e muitos outros que ainda desconhecemos, e que talvez nunca descobramos, seriam marcados por essa tempestade. Ela seria conhecida como “a tempestade que iria acabar com todas as tempestades”.

Durante o tempo em que as garotas deixavam o silêncio reinar, o tempo mudou muito rapidamente. A ilha em que estavam continuou em direção ao horizonte, aproxi-

mando-se da tempestade que havia sido invocada. Um pressentimento ruim passou por Toh'kan. Quando se virou, ela se deparou com uma gigantesca nuvem. Raios apareciam como faíscas de um fogo que havia sido mexido. O vento fazia o cabelo dela ser soprado com uma força imensa. E então, percebeu que a sua companheira havia caído no sono enquanto ela estava encostada na garota de chifres, e acabou tombando quando Toh'kan levantou-se rapidamente. “O que houve...”.

Alguns sons não merecem ser lembrados. Outros, mereciam ter sido lembrados com antecedência. As duas garotas olharam perplexas. Os tremores diziam “Corram!”. O vento dizia “Fujam!”. Mas as pernas das garotas, uma levantada e a outra quase deitada, estavam paralisadas. Eu gostaria de lembrar que tempestades não eram incomuns às meninas, afinal, elas viviam no que chamamos de céu. Se alguém havia presenciado esses fenômenos meteorológicos, eram elas. Entretanto, a visão que as duas testemunharam era digna de sobreviventes de

um fim de mundo. Ou, pelo menos, do fim do mundo como ele era conhecido.

Um estrondo, cuja onda de choque fez estremecer as garotas. As garotas do povo do céu começaram a correr em direção ao centro da ilha, onde ficava a casa em que todos de sua vila moravam. Em uma reação direta, a garota de chifres agarrou a mão da garota de plumas. Ela havia tido mais tempo para reunir a coragem necessária para sair daquele momento de paralisia proporcionado pelo medo. Algumas rajadas de vento quase arrancaram as duas da nuvem. “Como isso pode estar acontecendo?”, era um pensamento desesperado que havia passado pela garota que estava sendo liderada. As coisas estavam calmas, e não havia sinais de uma mudança tão brusca. Para seres como elas, que moravam nas nuvens, o céu estava basicamente mentindo que estava tudo dentro do normal e escondeu, descaradamente, uma tempestade de proporções que nunca haviam sido vistas. As coisas não estavam normais.

A tempestade também estava muito próxima. Raios começaram a se tornar ainda

mais frequentes. A primeira garota não podia enxergar, visto que o seu olhar estava fixado em encontrar algum lugar seguro, mas a segunda garota viu, nas sombras criadas pelos relâmpagos da gigantesca nuvem, enormes figuras de criaturas colossais. Alguns raios e um golpe. Outros raios e outros ataques. Então, um grande estrondo pôde ser escutado até mesmo por mim. O próprio ar estremeceu em camadas. A onda de choque acabou criando inúmeras rajadas de vento. O mundo pareceu estar de ponta-cabeça.

Tudo o que Toh'kan viu foi a garota de plumas sendo arrastada em direção contrária a ela. O momento pareceu acontecer em câmera lenta, enquanto suas mãos se soltaram uma da outra. O coração delas pareceu parar de bater. Havia muito barulho, tanto que nesse momento criou-se uma espécie de silêncio entre elas. E somente em um silêncio diferente de todos os outros é que se pôde ouvir o grito silencioso e rouco de Toh'kan, e assim finalmente descobrimos o nome da outra garota:

— SUH'RO!

Suh'ro. Esse era o nome da garota com plumas na cabeça e que mora no céu. Seus dedos eram longos, que condiziam com o resto do seu corpo. Ela gostava de cantar várias canções que aprendeu com o seu vizinho mais velho. Em seu cabelo, morava uma pintura de um céu aberto, durante o início de uma bela tarde, daquelas que nos fazem esquecer dos problemas da vida. Além disso, depois desse momento, Suh'ro nunca mais foi vista.

Dois olhos brancos abriram-se subitamente. No começo não havia som, apenas as batidas aceleradas do que poderia ser considerado o coração de Toh'kan, e a sua respiração ansiosa não parecia preencher seus pulmões completamente. A garota de chifres não conseguia pensar, e os seus sentidos vieram um de cada vez. Primeiro, a visão. O clarão de um raio podia ser visto longe dali, mas as cosas pareciam ter se acalmado na região onde ela estava. Logo depois, a audição captou o trovão, cujo estrondo fez o chão em torno de Toh'kan tremer. Sim, o chão, muito bem lembrado. Ele logo foi percebido pelo tato recuperado enquanto ela apalpava

hesitante a nuvem ao seu redor, com dedos que lentamente recuperaram a sua mobilidade. O olfato e o paladar voltaram de mãos dadas, com o gosto de sangue na boca da garota. Inclusive, pense em um gosto diferente do sangue ferroso que conhecemos por aqui embaixo.

A dor tornou-se muito mais presente. Toh'kan tentava reunir forças para se mexer, mas cada tentativa de movimento era acompanhada de dor. Até mesmo voltar à posição original fazia a menina sentir dor. Então, tudo o que a ferida criatura poderia fazer era ficar ali parada. O seu direito de gritar por socorro havia sido revogado há muito tempo. Ela fechou os olhos, mas havia uma imagem que havia sido queimada debaixo de suas pálpebras. A imagem de sua mão se soltando de Suh'ro. O calor dessa imagem provocou uma explosão no interior da garota de chifres, que conseguiu levantar-se apenas para cambalear e cair logo em seguida. Então, ela fechou os olhos de novo, somente para poder se contorcer e chorar, até cair no sono.

Quando acordou, fortes raios solares abraçavam calorosamente o corpo de Toh'kan. Após absorvê-los, ela se sentia muito melhor e mais forte desde o seu último despertar. Sentou-se de pernas cruzadas. Pegou um estranho utensílio que estava preso à alça de sua bolsinha de conchas, que estava mais vazia do que o normal. O estranho objeto parecia um pequeno pano preso a um arame em formato de lua crescente. Ao pegar um punhado de nuvem, começou a mexer no simples mecanismo enquanto o chacoalhava, e repetiu o processo mais algumas vezes, até começar a condensar a água da nuvem. Como funcionava também como um cantil, ela logo saciou a sua sede e aproveitou o restante para refrescar os seus braços do calor gerado por captar as energias do sol.

A garota de chifres levantou-se, enquanto observava o ambiente a sua volta. Parecia que a noite havia passado e era de manhã, perto do meio-dia, mas Toh'kan não tinha certeza disso. No final, estava anoitecendo de novo. Não apenas a confusão que estava de passagem na sua cabeça atrapalhava a

organizar os pensamentos, mas também o fato que ela não prestava atenção nessas coisas diariamente. Ela nunca dependeu de detalhes para saber em qual período do dia estava. Agora, ela sabia a importância disso. Parando para pensar, nem sabia quantos dias terminaram desde a tempestade.

A garota do povo do céu sentiu enjoo e frio. Algum ser invisível apalpava o seu peto, causando uma dor que parecia surgir de dentro dele, uma dor a que Toh'kan não sabia dar nome. Com raiva de se sentir assim, ela deu o primeiro passo. Depois o segundo. No terceiro ela caiu, mas logo levantou-se. Assim ela caminhou, almejando voltar para a vila e reencontrar Suh'ro, porém sem direção certa definida. Tudo parecia muito estranho. Toh'kan, desde que se conhecia por pessoa do céu, morava naquela ilha. Por mais que esse lugar mudasse de forma às vezes, ele ainda era reconhecível, assim como duas fotos do mesmo cenário, enquanto uma era do inverno e a outra do verão. Entretanto, tudo estava diferente. A tempestade foi realmente muito violenta. Passos foram dados através do tempo, até

Toh'kan, no topo de um pequeno morro que se havia recém-formado, presenciar a imagem da sua aldeia destruída.

Normalmente, a visão que a garota de chifres teria seria de várias casas, distribuídas desarmonicamente tanto em espaçamento lateral uma das outras quanto de altura. Elas possuíam um formato cilíndrico, oco e sem teto, com um dos lados sendo mais alto que outro no círculo superior, como se um cilindro fosse cortado diagonalmente. Várias pontes feitas com o mesmo material do chão conectavam as casas, passavam por cima, por baixo, entrelaçando a aldeia em um sistema rico e diverso. Formas de iluminação, esféricas e achatadas, iluminavam a parte de baixo de tais pontes. Entretanto, esse cenário havia sido destruído. Algumas casas perderam partes das laterais, principalmente as do lado maior, o que fez com que acabassem perdendo o seu sustento. As pontes desmancharam-se e emaranharam-se novamente, de uma forma que desestabilizava os seus arredores. E a vila, que geralmente estava movimentada de pes-

soas do povo do céu, inicialmente parecia vazia.

Toh'kan começou a correr em direção ao centro de sua aldeia. No centro, estavam reunidos todos os habitantes do céu que moravam naquela nuvem. Todos, menos Suh'ro. Pareciam desolados, alguns machucados, mas todos salvos. Quando perceberam a presença da garota que havia sumido, por tanto tempo, receberam-na de braços abertos. Estavam preocupados com ela, e sentiram-se aliviados. Claro, aliviados até notarem a ausência de Suh'ro. A muda garota tentou explicar com seus gestos desesperados, e aqueles que eram habituados à conversa sem voz dela, compreenderam-na bem. Ao saber que ninguém havia visto a garota de plumas, a garota de chifres começou a chorar. As lágrimas derramadas pelo povo do céu não são nada bonitas. Elas lembram sangue, e cada gota manchava o solo da nuvem embaixo dos pés de Toh'kan.

Com toda a destruição a sua volta, o povo do céu teve que esperar até o amanhecer para poder começar a reconstruir a aldeia e esperar a possível volta de Suh'ro, que nunca

aconteceu. Suh'ro nunca mais foi vista. Quando o sol começou a brilhar novamente, um grupo de busca foi montado pelos viajantes de nuvens que faziam parte da vila. Viajantes de nuvens são as pessoas desse povo do céu que navegam por aí, em busca de exploração, para enviar mensagens e mercadorias entre as vilas. Suh'ro havia sido predestinada a ser um deles um dia. Entretanto, foi Toh'kan que assumiu esse papel. Ela queria ir junto com eles.

Inicialmente, o grupo pareceu aflito em permitir que ela os acompanhasse, mas um deles consentiu. Era uma viajante de nuvens alta, músculos bem definidos. Não usava ornamentos, exceto um grande brinco que ocupava grande espaço de sua orelha esquerda. De seus cabelos fluía um forte vento de um céu de litoral, quando uma forte chuva está se aproximando, e as ondas tornam-se violentas. A garota de chifres acompanhou-a até o seu barco e prestou muita atenção em todos os detalhes da preparação e da navegação dele. Ela tinha muito medo de que os viajantes não encontrassem a garota de plumas. Mas se eles não a encontrassem,

Toh'kan faria isso. Ela jurou para si mesma. As primeiras buscas não deram certo. As segundas vieram. Logo em seguida, as terceiras. Infelizmente, seu medo realizou-se e foi assim que Toh'kan começou a ser uma viajante de nuvens e a procurar pela pessoa com quem ela mais se importava no mundo.

Naquele dia, choveu muito. Uma guerra estava sendo travada durante algum tempo, até que um dia, a tempestade acalmou-se. Muitos ventos percorreram o mundo desde então. Um pequeno barco navegava pelo céu. De longe, ele parecia uma nuvenzinha flutuando pelo mundo afora, sem destino. De perto, uma navegadora do povo do céu, com seus chifres e cabelos noturno, encontrava-se pilotando-o. Sua garganta incapaz de produzir fala tentava cantar uma canção. O ritmo estava lá, mas os seus grunhidos lembravam a música de maneira muito vaga. Seu olhar estava cansado. Às vezes, ela se exercitava no limitado espaço do barco, nadando e se equilibrando com as mãos. Ela era muito boa nisso. Passava o tempo como podia, ansiosa para encontrar seu destino. Olhava muito para a proa do barco. De vez em

quando, cutucava a grande cicatriz que começava na lateral do pé, perto do calcanhar, e ia até pouco menos da metade da altura até o joelho.

Toh'kan estava perto do seu destino, uma das nuvens mais desabitadas e pouco exploradas pelo povo do céu. Agora que aprendeu esse nome, a ansiedade mutilava seu peito. Ela já podia imaginar a cena do reencontro com Suh'ro. "Tem que ser agora", a garota de chifres gritava para si mesma. Desta vez, ela estava fazendo isso sozinha, não havia ninguém do povo do céu morando por ali para contar se sabia de alguma coisa. E então, como um pequeno ser diabólico que vive se escondendo no ombro de alguém sussurrando pensamentos ruins, o pensamento de que a garota de plumas não estaria ali passou pela sua cabeça. "Se não for agora, eu não sei quando mais." Toh'kan não era mais a garota do povo do céu de antes. Embaixo de seus olhos havia grandes marcas de cansaço e suor, que secaram no forte calor do sol direto em seu rosto, assim como ventos causam erosão em uma rocha. Suas mãos eram ásperas. Algumas estrelas de seu cabe-

lo se perderam por aí, devem ter caído no mar e viraram estrelas-do-mar.

Seu barco diminui de velocidade, enquanto ela procurava algum lugar bom para ancorar. Era muito simpático esse barco, um quadro dele seria muito bonito. Ele era pequeno, parecia um pequeno veleiro. Suas velas estavam nas laterais e nos pontos inferiores, quase como se estivessem de pontacabeça, segundo os nossos padrões aqui do chão. Ele era branquinho, como se fosse uma pequena nuvenzinha do tipo Cirrus solitária no céu. Enquanto eu descrevia seu barco, a garota de chifres conseguiu com facilidade ancorá-lo. Ela desceu dele e esperou alguns minutos em “nuvem” para acostumar os pés a estarem no chão novamente, e para evitar que sentisse tonturas. Cada nuvem era diferente, mas com toda certeza, caso uma pessoa do céu fosse cega, saberia reconhecer cada ilha pelo tato, por meio de seus pés.

Toh’kan havia dado uma volta em torno da nuvem para realizar um breve reconhecimento e não tinha visto nada de diferente até o momento, além do fato dessa ilha ser estranhamente desabitada. Como toda nu-

vem que ela explorava, ela seguia em direção ao centro, e a partir desse ponto, realizava um movimento de espiral, que se expandia pelo comprimento da nuvem. Era o método mais eficiente que havia encontrado para não deixar nada passar em sua volta. Talvez, ela não precisasse de uma busca tão minuciosa se ela não fosse proibida de falar, mas isso raramente incomodava de verdade a Toh'kan.

A nuvem era grande, cheia de relevos que dificultavam a caminhada e abriam espaços para brechas para pequenos buracos, onde alguém poderia fazer um abrigo. Cada possibilidade contava muito para Toh'kan. Eu poderia passar horas descrevendo como a garota agia em cada ilha, mas a verdade que não queria calar é que ela não encontrou a garota de plumas, mesmo passando horas tentando. Como antes fora dito, Suh'ro nunca mais havia sido vista.

Os olhos da garota de chifres, então, começaram a borrar a nuvem de vermelho e o delinear das coisas sumiram da visão dela. Ela estava cansada e perdida. Os viajantes do céu sempre exploraram muito, mas nin-

guém havia explorado tanto e em tão pouco tempo quanto Toh'kan. Claro, essa última nuvem fora uma mentira contada por ela mesma. A garota já havia tentado procurar Suh'ro por lá. Já havia procurado por todos os lugares onde alguém do povo do céu poderia estar. Estava vivendo uma mentira todos esses últimos tempos. Ela só gostaria de tentar de novo, confirmar a verdade... A garota de chifres, então, retornou para seu barco e após soltá-lo, deixou-o ir para onde ele quisesse. Naquele momento, ele possuía mais direção do que ela. Talvez isso fosse devido ao fato da existência de diferenças de perspectivas entre barco e pessoa do céu. Navegar é preciso, mas viver não.

Os segundos que marchavam em direção ao passado pareciam horas. Naquele momento, só existia Toh'kan e o barco. Os dois estavam à deriva dos ventos que passavam por ali. Talvez tenha chovido, talvez fossem só as lágrimas da garota de chifres, ou até mesmo os dois tenham acontecido. Era o mais provável. O barco, sem a liderança de sua navegadora, flutuava por aí, às vezes encalhava em uma nuvem qualquer

para depois, com a vontade do vento, voltar a se soltar e deixar tudo fluir de maneira devagar. Enquanto o barco estava em seu momento de independência, a garota de chifres contemplava o vazio em sua vida. Ela poderia seguir em frente, mas para que? Por que ela se esforçou tanto? A sua vida não parecia mais estar sob seu controle desde o dia daquela tempestade. O povo do céu não possuía alma, mas o que quer que seja que eles tinham lá dentro, o de Toh'kan doía muito.

O céu estava limpo em torno da garota do povo do céu. No horizonte, várias nuvens cobriam o sol, que estava tímido com todas elas a sua volta. Um tom extremamente azulado pintava-o. E em um momento mágico, como quando um explorador descobre as ruínas de um reino escondido, cujos relatos foram contados para ele quando criança, uma imponente nuvem apareceu ali por perto. Até mesmo Toh'kan, que estava deitada olhando para cima, pôde ver as pinceladas brancas, tamanha era sua verticalidade.

A garota levantou-se, sentada em seus joelhos, enquanto agarrava a borda do barco.

Ela queria olhar, apesar de sua hesitação. O cenário era lindo, mas o que transbordava ali eram os sentimentos dela. Não que ela pudesse fazer alguma coisa, ela já havia desistido. Entretanto, havia algo de diferente, de incomum, naquele céu. Algo que nunca estaria em nenhum cabelo do povo do céu. Um imenso ponto preto voava por ali, mantendo uma certa distância desse palácio flutuante. Toh'kan ficou ali observando o ponto, até as sinapses dentro de sua cabeça, que haviam parado de funcionar até aquele momento, começarem a faiscar novamente. Então ela se lembrou da história que a viajante de nuvens lhe contou sobre o ocorrido, quando as buscas por Suh'ro ainda não haviam sido deixadas de lado.

“Aquela tempestade não foi uma tempestade qualquer. Foi mais uma das constantes lutas que acontecem há éons entre dois Soberanos Alados. Tudo o que você conhece, tudo o que você já observou no seu dia a dia, é do domínio de Uê, Senhor dos Céus. Estamos incluídas nisso.”, disse a navegadora, com um leve sorriso, após terminar essa última frase. “Além de Soberano, Uê

é como um guarda de um portão. Um portão que impede Shita, a outra Soberana Alada, Senhora dos Ares, daqueles que podem voar, mas que estão presos à terra, de atravessar seus domínios. De certa maneira, presos por conta de Uê. Ele nos protege das investidas de Shita. Também estamos presos por Uê, pois o outro chão que está lá embaixo, para onde Shita deve sempre retornar, nós não podemos tocar. É impossível encostar nele, não sabemos o porquê, entretanto. Às vezes, tudo parece armado, como se os dois fossem criados para brigar, e que nunca se resolverão. Uê é mais poderoso, porém Shita é muito mais resiliente.”

A pequena garota de chifres não sabia muito o que pensar sobre todos esses fatos. Pouco lhe importava porque brigavam. Entretanto, a briga deles tirou o que havia de mais importante para ela. Mesmo assim, faltava um detalhe para terminar essa história, e os olhos de Toh'kan aguardaram essa resposta. “Não sabemos o porquê, mas Shita briga para ir além. Apenas o céu não a satisfaz. Ela quer ir adiante. Sim, ela quer ir aonde o céu termina...”. “Onde o céu termina”.

Essa memória ecoou dentro do cérebro mecânico de Toh'kan. O outro chão que havia lá embaixo era impossível de Suh'ro estar. "Onde o céu termina". Ela já havia procurado por todo o céu. Mas... "Onde o céu termina", não. Havia uma esperança. E essa esperança estava adormecida no grande ponto preto que estava ali, perto do horizonte, afastado da gigantesca nuvem, e muito longe de mim ainda.

Como seria o imaginado, a garota de chifre então retomou o controle do barco. O pequeno barco ficou um pouco triste de não ser mais independente, mas estava feliz por sua navegadora estar de volta e ter retomado seu rumo. Era difícil chegar aonde o ponto preto estava. Ele estava bem no limiar para onde todos do céu conseguiriam descer, assim como todos da terra poderiam subir. Os ventos eram instáveis naquele ponto, e era difícil controlar o barco. Na segunda tentativa de descer, o choque que a empurrava para cima foi menor, e ela conseguiu aproximar-se do ponto preto, agora sendo muito mais fácil de entender o que ele era. Um gigantesco corvo sobrevoava ao seu la-

do, um pouco abaixo, cheio de cicatrizes em formato de relâmpagos. Não era muito diferente dos pássaros que conhecemos aqui embaixo, apesar de seus olhos serem simplesmente sublimes. Eram três olhos, com o olho extra estando no centro de sua cabeça, olhando para cima. Pareciam grandes rubis e refletiam com um tom rubro a imagem do céu, como se o mundo estivesse ensanguentado. As lágrimas de Toh'kan ainda estavam borradas em seu rosto, dando uma impressão semelhante. Era difícil saber se o divino ser havia notado o pequeno barco ao seu lado, afinal seus olhos sequer se moveram do foco na grande nuvem, mas uma voz que parecia sair de dentro da cabeça da garota de chifres resolveu a pergunta.

"Esta é a primeira vez que um mensageiro do céu vem até mim." Toh'kan ainda estava hesitante, com medo de se aproximar do ser que provavelmente era Shita, até que se lembrou da primeira tempestade, de tudo o que aconteceu, de Suh'ro, e criou coragem para se aproximar mais, o que era uma tarefa difícil. Mais difícil ainda seria comunicar-se com a Soberana. A garota não havia pen-

sado nessa parte. A sua suposição sobre o que era o grande ponto escuro já era uma grande sorte por ser verdadeira.

A menina do céu acenou com os braços de forma a negar o fato de ela ser uma mensageira, enquanto balançava a cabeça. “E uma mensageira sem voz ainda. Talvez esse seja o dia mais peculiar que terei o prazer de presenciar em milênios.” Durante essa frase, o barco de Toh’kan havia desestabilizado umas três vezes, mas a habilidosa garota conseguiu manter o seu fluxo. E então ela apontou para cima, para a mesma direção que o terceiro olho de Shita estava observando. Não para o palácio de nuvens, além dele. Bem lá em cima. E quase como se lesse a mente da garota, o mesmo termo passou pela cabeça da machucada Soberana e da forçada viajante de nuvens. “Onde o céu termina”.

“Você é como eu” disse Shita, quando o seu lapidado olhar finalmente reconheceu Toh’kan como alguém para conversar. “Você quer chegar na correnteza solar. Você quer sair daqui e chegar aonde o céu acaba. Você quer ir além.” A garota não era exatamente o

que Shita pensava, mas ela apenas podia concordar. Falando assim, ela até reconheceu um pouco de Suh'ro na gigantesca criatura. “Mas eu não posso fazer nada. O meu destino é tentar, e tentar, e tentar. Eu não perecerei, mas também não chegarei lá.” Quando as vozes terminaram dentro da cabeça de Toh'kan, ela havia ficado sem ar. Muitos sentimentos floresceram dentro dela. Ela não tinha nada a ver com a luta entre os dois Soberanos.

Ela não sabia o que esperar da conversa, mas ela certamente queria algo. A garota sentia raiva. Afinal, não foi por causa da inútil disputa entre os dois seres divinos que se causou a tempestade que bagunçou toda a vida de Toh'kan? Algo no coração da garota dizia que ela iria encontrar Suh'ro. E ela só poderia estar onde o céu termina. Essa era a última chance de Toh'kan reencontrar a pessoa que ela mais amava em seus relativos pequenos momentos de vida, e foi por isso que ela explorou o céu, não uma, mas duas vezes.

A garota gesticulou com os braços, tentando imitar chuva, vento e raios. Ela só

precisava de outra tempestade tão forte como aquela. A criatura não falou mais nada, o que deixava Toh'kan pior. A menina não aguentou mais o silêncio. Limpou o borrado do seu rosto com o seu braço, e pulou em cima da criatura, no centro de seu corpo, entre as gigantescas asas.

Por mais que o barco acompanhasse os dois quase na mesma velocidade, era muito mais difícil se segurar nas costas da gigante criatura do que na embarcação aérea. A garota dava passos em direção à cabeça de Shita. As cicatrizes ajudaram a dar apoio a Toh'kan. Apesar de algumas serem tão antigas quanto o céu de milênios atrás, elas ainda doíam, mas a Soberana aguentou. Ela estava esperando ver o que a garota ia fazer. Toh'kan ainda gesticulava, tentando expressar com seu corpo o que sua voz não lhe permitia. A garota só precisava de uma tempestade como aquela. Uma segunda grande tempestade. Quando chegou à cabeça de Shita, a garota ajoelhou-se e socou onde ela estava apoiada. Quase como se esquecesse de que não tinha voz, Toh'kan gritou. Nada foi ouvido, pois ela apenas poderia ser escu-

tada no silêncio, mas os sentimentos estavam ali. “Eu só quero chegar aonde Suh’ro está... Por favor, me ajude...”.

Claro, Shita não havia entendido nada. O nome da garota de plumas sequer passou pela sua cabeça celestial. Mas uma coisa a soberana havia entendido, a garota queria uma outra tempestade. Tão grave quanto a última. Ela chegou a imaginar que iria morrer naquela última batalha. E por algum motivo, essa tempestade faria a garota alcançar a correnteza solar, e isso a levaria para onde o céu termina.

“Faremos um trato então, mensageira sem voz.” Shita gostou desse apelido por algum motivo, como se houvesse um carinho, como quem conhecia a garota do povo do céu por anos. “Eu estou cansada de lutar. Mas eu farei mais uma vez, e irei perder novamente. Esse é meu destino. Ele vai acontecer, mas desta vez estaremos acima do destino. Eu vou perder..., mas vou conseguir alcançar onde o céu termina graças a você”.

Toh’kan demorou muito para começar a entender o que lhe estava sendo dito. A Soberana dos Ares pacientemente aguardou o

seu tempo. “Leve parte de mim com você. Leve um dos meus olhos, e quando você chegar na correnteza solar, solte-o. Eu serei livre, e meu olhar finalmente deixará de ser sangrento. Você precisa de uma tempestade em troca? Eu vou conceder a você essa tempestade. Ela será no mínimo igual à anterior. Porém, eu vou tentar torná-la muito maior que a outra, para ter certeza de que você irá conseguir.”

A garota levantou-se, e em seus olhos ainda borrados, brilhavam a determinação que ela teve desde que perdeu Suh’ro. Quando pensou o que ela realmente tinha que fazer, hesitou. Apesar de tudo, não queria machucar Shita. Entretanto, quando a garota se aproximava, os rubis dos olhos da soberana ainda estavam confiantes como antes, o que deu coragem a Toh’kan para retirar do centro, um orbe com o topo lapidado em formato de olho. Shita assentiu, e fechou o buraco da esfera retirada. A garota encarou o gigantesco olho e sua dona uma última vez, até ir em direção a seu barco. Ele estava afastado, mas isso não era um problema para ela. A menina soltou-se de Shita, e o

vento a empurrou em direção ao seu barco, que viajava em uma velocidade menor do que o grande pássaro escuro. Tamanha era a coragem de Toh'kan, que ela conseguiu realizar tudo isso e nem parou para pensar, direcionou o barco para se distanciar pela última vez de Shita. E então, as grandes asas da Soberana dos Ares abriram-se e curvaram-se rumo à gigantesca nuvem que estava por ali. Raios podiam ser vistos de dois círculos que se escondiam nas nuvens do palácio colossal. Shita havia entrado nos domínios de Uê mais uma vez. Ironicamente, a primeira tempestade manteve-se como “a tempestade para acabar com todas as outras”. Entretanto, essa segunda foi a maior que já existiu.

Toh'kan apenas observou de longe a Cumulonimbus escurecendo e os raios que dela surgiam. Ela segurava o olho de rubi, confiante que outra tempestade viria. Shita aproximava-se de seu destino, tentando resistir aos raios que caíam a sua volta. Quando penetrou a nuvem, sombras de duas gigantescas criaturas lutando, causadas pelas luzes dos relâmpagos, podiam ser vistas.

A onda de choque foi imensa, uma para cuja força a garota não havia se preparado direito. O barco foi arremessado para longe, quase derrubando seus dois passageiros. O vento novamente tornou-se um combatente e ameaçava todos que tentavam aproximar-se.

A garota de chifres direcionou o barco em direção à tempestade, visto que ela cresceu o suficiente. A chuva começou a se espalhar, dificultando a navegação. A visão era como se o barco fluísse entre as nuvens que haviam sido arremessadas, quando na verdade, a viajante de nuvens estava tentando desviar-se delas. Um raio atingiu o barco, felizmente na parte de baixo. A energia pulsava pelo material da proa. Toh'kan rangia os dentes. Ela estava com medo. Não da tempestade em si, mas de não conseguir. Ela acreditava que precisava chegar ao ponto mais forte dela para ter força suficiente para ir além do céu. O que era exatamente a correnteza solar era a menor das suas preocupações. Ela apenas tinha que chegar lá.

A garota conseguiu chegar ao palácio, que havia se transformado em um verdadeiro campo de guerra. Como um barco que

tenta vencer uma onda, a navegadora dava rumo em direção ao topo do palácio de nuvens. Raios pulsavam por todos os lados. Toh'kan, o olho de rubi e seu barco seguiam em um movimento espiral ascendente, tentando chegar ao cume. Mas quanto mais subiam, mais relâmpagos jorravam, como se a energia estivesse tornando-se líquida. O estrondo muitas vezes balançava o barco, e as velas estavam se soltando. Apesar do barco ter sido feito para lidar com a eletricidade, a energia era tanta que não evitava chegar na viajante de nuvens. Era preciso muita garra para o seu corpo resistir a tantas variantes.

E então, a nuvem inteira colapsou, abrindo-se como uma flor que desabrocha na primavera. A imagem era de Uê atingindo Shita inúmeras vezes, que parecia começar a fechar os seus olhos de rubi. O buraco do terceiro olho faltante abriu-se, para rapidamente fechar-se. As cicatrizes brilhavam, como se a memória de cada raio acertado voltasse à vida. Em seguida, um impacto. As coisas pareciam movimentar-se devagar, enquanto o barco de Toh'kan era arremessa-

do. As mãos da garota de chifres soltaram-se das cordas que controlavam as velas. O olho rubi, que estava preso a sua cintura, estava com um olhar de alguém que acabou de dar um grande suspiro. Um silêncio que continuou por todos esses instantes. Uma segunda onda de choque chegou, arrasando todos os momentos que acabaram de ser descritos. E mais uma vez, nesse silêncio que iria acabar em breve, Toh'kan gritou pelo nome de Suh'ro, enquanto lentamente seus olhos fechavam-se. Suh'ro nunca mais foi vista. Toh'kan também nunca mais foi vista.

Não havia barulho em sua volta. A garota de chifres apenas podia escutar o seu interior funcionando. Não havia ar o suficiente para ser respirado. Ela sentia muito frio. Muito frio mesmo. Não conseguia se mexer direito. Ela tentou abrir os olhos, que não pareciam funcionar como deveriam. As coisas pareciam muito escuras, apesar de haver vários pontinhos brilhando ao seu redor, como se o seu cabelo estivesse refletido por toda a parte. Toda parte, exceto o grande azul que cobria grande parte do cenário. Ela

via um horizonte que nunca havia visto em toda sua vida. Nenhum cabelo de ninguém do povo do céu possuía, pintado em seus fios, um céu como aquele. Não era mais o céu. A luz refletia parte daquele azul, mas ela não sabia de onde vinha essa luz. Grandes brancos estavam pincelados sobre o imenso azul, e seus formatos eram dos mais diversos. Ainda estava escuro e frio. Movimentar-se era difícil. O seu braço esquerdo bateu em alguma coisa. Quando conseguiu olhar, era o olho rubro de Shita amarrado em sua cintura. Com muito esforço, ela tentou desatar o nó. A sensação era estranha. Ela se sentia mais leve, mas o frio parecia impedi-la de se mexer. Não havia muito brilho no olhar da pedra avermelhada, observava Toh'kan enquanto finalmente conseguia desamarrar a corda e largar o olho da soberana. Não sabia mais se estava viva. Não sabia mais se havia chegado na correnteza solar. A garota de chifres certamente não estava mais no céu. Nesse silêncio que preenchia todo o lugar, ela sussurrou. "Suh'ro." Fechou os olhos, e

tentou chorar, mas não conseguia. Seus olhos pareciam ter congelado. “Suh’ro.” Era estranho como ali ela poderia falar à vontade. “Suh’ro.” O nome que ela tanto queria falar.

Então, depois de alguns instantes, o horizonte do grande azul que Toh’kan contemplava começou a brilhar. O delinear daquela coisa esférica começou a se diferenciar em várias faixas de cores. E um tom delas reinava sobre as outras. Primeiro, um vermelho destacou-se para depois se tornar alaranjado e por fim, um amarelo que doía ao se olhar. Uma imensa luz atingiu Toh’kan e no primeiro instante, cegou-a. Ela começou a se sentir quente. Depois que seus olhos se acostumaram um pouco, ela começou a ter visões. A garota de chifres não acreditava que estava, logo a sua frente, uma garota do povo do céu mais alta que ela, com longos dedos afinados. Os seus cabelos longos e soltos brilhavam com a imagem de um céu aberto. As plumas branquinhas como nuvens se estendiam, quase como se fossem elas a

fazer essa garota flutuar. Ela parecia dizer algo, mas Toh'kan não podia escutar. A ironia do destino. A garota de chifres, entretanto, gritava e gritava no meio daquele silêncio, tentando agarrar a imagem à sua frente. "Suh'ro! Suh'ro! SUH'RO!" O calor aumentava a cada instante, envolvendo até mesmo o olho rubro que contemplava tudo que estava acontecendo a sua volta, recuperando o seu brilho. Toh'kan não tinha como se sustentar para chegar até onde queria, mas a garota a sua frente aproximava-se conforme a luz aumentava de intensidade atrás dela. Finalmente, as duas estavam perto uma da outra o suficiente para se abraçarem. Se a garota de chifres pudesse, se houvesse ar em sua volta, ela daria um grande suspiro de alívio. E continuava a gritar o nome de Suh'ro, apesar de Toh'kan não a escutar chamar pelo seu nome, apenas vendo os lábios dela se movimentarem. Eles pareciam dizer "Toh'kan". Ou esse era o desejo da garota de chifres. E então, a luz consumiu tudo. Toh'kan deixou de pensar, deixando-se

consumir pela correnteza solar. Tudo sumiu dentro daquele vazio. Tudo. Todos os pensamentos cessaram. E assim, Suh'ro e Toh'kan, juntas, nunca mais foram vistas.